

## **RUAS, VENDEIRAS E IMAGENS DO RECIFE NO SÉC. XIX**

**Maciel Henrique Silva;**

Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Bolsista da CAPES;

Prof. Substituto do Colégio de Aplicação – CAP-UFPE

*“Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço ”geométrico” ou ”geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ”operações” (”maneiras de fazer”), a ”uma outra espacialidade” (...) (uma experiência ”antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.”*

Michel de Certeau. (2002, A Invenção do Cotidiano, p. 172)

Esse trabalho analisa algumas imagens que representaram o núcleo urbano do Recife oitocentista, relacionando-as à presença e ao fluxo de vendeiras pelos espaços da cidade, na tentativa de compreender o cotidiano das mulheres que transitavam pelas ruas agenciando sua sobrevivência. O objetivo é construir uma leitura da cidade a partir de um dos personagens mais recorrentes nas litografias consultadas, a vendeira, sem se prender excessivamente aos elementos visíveis da paisagem, à sua geometria. Essencialmente, tentamos interpretar os traços do artista suíço Luís Schlappriz e do desenhista e pintor alemão João Maurício Rugendas. Sobre tudo o primeiro nos legou múltiplos cenários da cidade; usualmente o suíço privilegiou os espaços abertos como pátios, praças e largos, onde a presença humana era intensa, contribuindo decisivamente para uma leitura sócio-espacial do núcleo urbano.<sup>1</sup> O alemão, por sua vez, deixou unicamente um único registro iconográfico relativo ao Recife; todavia, trata-se de uma imagem cujo conteúdo e significados são de especial interesse histórico.

Outro ponto fundamental da leitura que fazemos diz respeito aos passos dos que caminham pela cidade. Não há revivescência possível, além de ecos distantes e pistas pouco nítidas no solo; e tais passos estão perdidos. O que se pode fazer é persegui-los Tateando pelas fontes, na esperança de construir caminhos fragmentários. Vendeiras, criadas, escravas ou ”livres” pobres que saíam das casas para o mundo da rua, elas mesmas construíram leituras do espaço; ao caminhar elegeram as trilhas que julgaram melhores ou menos perigosas, criaram laços de amizade e parentesco, fugiram da vigilância panóptica das autoridades, encontraram pessoas que talvez não esperassem encontrar, preencheram de significados espaços que só apresentavam cor e forma, e tais significados raramente coincidiam com aqueles previstos pelos que projetaram os lugares e os trajetos.

Não obstante o esforço disciplinador dos promotores do ‘progresso’, os raios da modernização e os princípios da ciência ainda não ‘iluminavam’ a cidade como a elite gostaria. A presença de inúmeras mulheres e homens de cor era imensa em todos os bairros recifenses, sobretudo na primeira metade do século XIX: carregadores, quitandeiras e negras de tabuleiro, criadas com vasos d’água à cabeça, lavadeiras fazendo o percurso da cidade para os subúrbios e tantos outros, pintavam a cidade com a cor local (negra e mestiça). Em termos espaciais, o bairro do Recife, com suas 27 ruas, 13 becos e 7 travessas, nos idos da década de 1860, manifesta ainda características primitivas: mesmo as ruas centrais são descritas como extremamente estreitas e irregulares, dificultando o trânsito dos habitantes. A rua da Cadeia era reta e larga apenas em seu começo, tornando-se torta e “*bastante acanhada*” no restante. A Rua da Cruz, assim como a do Trapiche, é uma das melhores, e apesar de iniciar estreita, é vasta na maior parte, contendo até mesmo um chafariz ao centro, sendo muito freqüentada. A rua do Trapiche era o símbolo de prosperidade da cidade, e da europeização que afetava a elite e as camadas médias urbanas, como se percebe pelo entusiasmo com que a descreve Figueiredo:

fica com a frente para o mar, é uma das melhores; conta excelentes prédios particulares, o Banco, os trapiches de embarque e desembarque de açúcar, três hotéis, o do Francisco, o Inglês, o da Barra, e um restaurante francês; o Café dos Aliados e o de M. Blandin, ambos mui freqüentados. Tem trinta e seis edifícios (...).<sup>ii</sup>

Poucos anos após essa descrição da rua do Trapiche, o artista suíço L. Schlappriz captou em litografias o movimento e a vida da rua e suas proximidades. Em um primeiro desenho, o artista enfatiza o cais e as embarcações no porto, que funcionava como o elo com a Europa civilizada, talvez simbolizando a abertura para o mundo. Um mundo que já tinha navios a vapor, como o da imagem, ao lado de pequenas canoas ainda resistentes na paisagem do Recife. Na terra, alguns homens que transparecem certa elegância pelas casacas que envergam, como a tratar de negócios; além destes, duas negras com tabuleiros de frutas à cabeça estão em primeiro plano, uma ao lado da outra, dando um matiz local a um espaço um tanto europeizado. Adiante, quase imperceptível, outra negra conduzindo um vaso, provavelmente com água para algum sobrado onde trabalhava. O espaço litografado nos mostra a terra e o mar, um pouco da América e um pouco da Europa, como um encontro entre dois mundos.

Em uma segunda litografia das proximidades da rua, as gameleiras da litografia anterior já estão crescidas. Em primeiro plano, a sede da Associação Comercial Beneficente, fundada pelos grandes comerciantes de Pernambuco; mas o prédio edificado ficaria incompleto sem os personagens desenhados à frente, fornecendo um registro do fluxo que tinha o local. Segundo Gilberto Ferrez, essa foi uma das últimas litografias do suíço. É provável que seja de meados da década de 1860. O local está ainda mais imponente, e dessa vez (ao contrário da litografia anterior) um grande número de senhoras elegantes se faz presente. Ao lado direito, uma negra vendeira com turbante à cabeça, sentada em um pequeno banco, tem sobre uma pequena mesa forrada com uma

toalha algumas frutas dispostas de modo ornamental. Em último plano, mas situadas à frente da sede da Associação, duas negras sentadas sobre uma espécie de forro sobre o chão, expõem à venda alguns gêneros que não conseguimos distinguir, atestando a sobrevivência de um pequeno comércio que resiste lado a lado — e à frente — com o símbolo do grande comércio da cidade. Este dominado inteiramente pelos homens mais ricos da cidade.<sup>iii</sup>

O bairro de Santo Antônio abriga em sua parte mais central, diz Antônio Figueiredo, a maior quantidade de repartições públicas, e muitos estabelecimentos comerciais, sendo palco de grande movimentação. Sobre as ruas, acrescenta:

As ruas de Santo Antônio em geral são mais largas e mais direitas que as do bairro do Recife, porém as suas denominações são igualmente pouco expressivas.

Tem trinta e três ruas, vinte travessas, sete becos e sete largos (...).<sup>iv</sup>

Nas suas 33 ruas, 20 travessas, 7 becos e 7 largos, esse bairro possui pátios, largos e ruas importantes para o fluxo e permanência de quitandeiras. Pátios como o do Carmo, largos como o do Palácio, e ruas como a do Rosário Largo eram pontos onde vendeiras e aguadeiras eram vistas com frequência. O Largo do Palácio, abrigando o Palácio do Governo e o Teatro Santa Isabel, era um espaço amplo ainda não ajardinado, pelo que se nota de uma litografia de Schlappriz na década de 1850. Por essa litografia, o artista parece, à primeira vista, construir uma imagem-monumento do Recife que se queria moderno e civilizado, como a cumprir os desejos de uma elite local presumidamente moderna. Um segundo olhar mais atento perceberá elementos, cenas cotidianas que reforçam o seu caráter documental. Cenas cotidianas que foram também perenizadas pelos traços do estrangeiro, talvez à revelia dos interesses da elite pernambucana, como as negras quituteiras sentadas em bancos, próximas a pessoas elegantes que assistiam a uma parada militar no Largo, e outra negra, junto a estas, com um tabuleiro de frutas à cabeça e um pequeno banco nas mãos, como tendo chegado naquele instante para se juntar as que já estavam presentes.<sup>v</sup>

O bairro da Boa Vista, por sua vez, apresenta uma certa distinção, quando comparado aos do Recife e Santo Antônio. Aquele é recente na cidade, e seu aspecto o denuncia:

A densidade da edificação desta parte da cidade oferece dois caracteres distintos: na primeira porção, naquela anteriormente edificada, as construções estão aglomeradas como acontece em todas as cidades, mas na porção mais nova em geral ainda não se observa esta regularidade e ordem, de sorte que em algumas ruas ainda se encontram espaços vazios entre uma e outra casa; e até um lado da rua somente edificado, e algumas com muito poucas casas.<sup>vi</sup>

Figueiredo percebe os vazios construtivos da Boa Vista, com seus espaços ainda não edificados e suas muitas ruas descalças. O bairro tinha, nesse momento, 44 ruas, 19 travessas, 3 largos e 3 becos. O principal largo era o da Matriz da Boa Vista. "*Bastante espaçoso e regular*", na expressão do articulista, o largo tinha ao centro um chafariz instalado pela companhia de abastecimento de água Beberibe. Esse local era bastante movimentado, pelo que mostra uma imagem litografada pelo suíço Schlappriz, e fora palco de querelas entre as autoridades municipais

e as pretas quitandeiras. A litografia mostra inúmeras vendeiras ao centro da praça. Em 1849, as posturas municipais da Câmara haviam proibido a

permanência de pretas quitandeiras em certos pontos da cidade, como por exemplo na calçada da Matriz da Boa Vista, onde faziam derriços com os negros...<sup>vii</sup>

Desde 1818, todavia, por determinação de Rego Barreto, a praça da Matriz da Boa Vista (atual Praça Maciel Pinheiro) era um ponto permitido para o comércio das quitandeiras. É provável que, seguindo uma lógica espacial toda sua, as quitandeiras tenham se aproximado cada vez mais da Igreja, causando escândalo aos olhos das autoridades. O Recife vive esta situação dúplice de progresso e proibição, situação que vai atingir as mulheres vendeiras em suas atividades urbanas. A fiscalização apertava, tentando retirar de certos espaços da cidade, sobretudo, as mulheres negras sob a desculpa, nesse caso, de que ficavam de namoro – "*derriços*" – com os negros em frente à Igreja. Essas tentativas nem sempre eram fáceis, segundo Mário Sette, e encontravam resistência, pois o fiscal de Santo Antônio

queixava-se à Câmara Municipal de não lhe ter sido possível "desavesar as pretas quitandeiras da rua do Rosário Largo".<sup>viii</sup>

As negras, habituadas a utilizar aquele espaço, insistiam em permanecer no ponto agora proibido, e era necessário tirar delas o antigo costume – o "*vezo*".

Pode-se perceber que a conhecida reclusão feminina dos tempos patriarcais, notada por viajantes europeus, não é uma condição que se deva atribuir às mulheres escravas, forras e livres pobres. A presença destas no meio urbano se dá, sobretudo, como um imperativo da busca pela sobrevivência, e pela condição básica de exercício de seus ofícios; essas circunstâncias conferem a estas mulheres uma presença mais intensa pelas ruas da cidade, uma presença que está basicamente – mas não totalmente – vinculada à atividade do trabalho. Exercendo ofícios chamados na época de *portas a fora*, essas mulheres tinham uma mobilidade espacial e um conhecimento dos "perigos" da rua muito maior do que suas senhoras e patroas. Elas acabavam se apropriando, por assim dizer, de uma maior quantidade de espaços da cidade, ao mesmo tempo em que lhes atribuíam significados e qualidades próprios com seus gestos diários de "mulheres de rua": gritos, risos, falas "obscenas", movimentos do caminhar.<sup>ix</sup> Muitas delas eram vendeiras, lavadeiras ou criadas que compravam gêneros diversos ou buscavam água nos chafarizes para seus patrões ou senhores.

Essa apropriação do espaço urbano por mulheres de cor, em sua maioria, não é algo que surge como novidade a partir do século XIX. Muitas cidades e vilas coloniais, notadamente as das Minas Gerais, eram abastecidas por um pequeno comércio exercido por mulheres em vendas fixas, vendas volantes e tabuleiros.<sup>x</sup> Também na Capitania de Pernambuco, já no século XVIII, era intensa a presença de uma

multiplicidade de Volantes, Mascates, Marinheiros, Pretos e Pretas, q.' pelas ruas publicas desta Vila, e seus suburbios andão em [ ], Bocetas, Taboleiros, Caixas, e por outras diferentes formas vendendo ao Povo toda a qualidade de fazendas, e outros mais generos, e miudezas (...).<sup>xi</sup>

O grande número de pessoas envolvidas neste pequeno comércio de rua já preocupava os governadores do Pernambuco setecentista pelos prejuízos que causavam ao grande comércio. O Bando decretado pelo governador José Cezar de Meneses, em 1781, faz alusão a uma Lei e Pragmática de 1749 que proibia esses negócios em virtude do contrabando, mas que não haviam sido cumpridas até o momento. Sob pressão dos comerciantes da Praça do Recife, o Bando decretado visava fazer cumprir a lei anterior, e incidia mais fortemente sobre as pretas que vendiam fazendas e miudezas. Pela cabeça de negras de tabuleiro, circulava um conjunto de mercadorias contrabandeadas que entravam em concorrência com os produtos de Portugal e suas colônias. Isentas das punições estabelecidas estavam apenas as negras que vendessem mercadorias de Portugal e seus Domínios. Entre outras punições, a Lei de 1749 previa o desterro dos infratores, em virtude do

dano q.' causão a Republica e a mesma Real Fazenda na diminuição dos seus Direitos pelos contrabandos q.' vendem (...)

Pelo que se percebe, o fluxo de negras vendeiras pelas ruas do Recife não é o resultado direto da maior expansão urbana e demográfica que se dá nas primeiras décadas do século XIX. Embora careça de estudos para o período colonial, as vilas de Recife e Olinda possuem na Colônia uma certa dinâmica que permite o desenvolvimento do pequeno comércio urbano a cargo de mascates e negras boceteiras e de tabuleiro. O começo do século XIX parece apenas intensificar o trânsito das negras e mestiças — e mesmo algumas mulheres brancas — envolvidas no pequeno comércio de rua, ou outras atividades que lhes conferiam mobilidade.

Os inúmeros registros iconográficos e os diários de viajantes estrangeiros estão férteis de imagens e passagens onde mulheres vendeiras se encontram nas ruas mais movimentadas, conduzindo seus tabuleiros de doces, frutas, miudezas e tantos outros gêneros. Em uma descrição do bairro do Recife, em 1817, o francês Tollenare aponta que

negras percorrem as ruas oferecendo à venda lenços e outras fazendas que trazem em cestos sobre a cabeça (...). Não se vê absolutamente mulheres brancas na rua.

Um pequeno mercado junto de uma igreja oferece à minha vista montões de raízes de mandioca, bananas, ananases, caju, mangas e laranjas. As vendedeiras, mui sucintamente vestidas, algumas de cachimbo ao queixo, preparam grosseiros manjares para o povo (...).<sup>xii</sup>

Nesses primeiros anos do século XIX, as mulheres brancas ainda não haviam rompido os limites patriarcais que as mantinham reclusas, distantes da rua. Entretanto, as negras misturavam seus pregões aos cantos dos negros carregadores, tão comuns no bairro portuário do Recife, aumentando o burburinho das ruas. Não é difícil imaginar alguns panos estendidos junto à igreja, que não foi identificada, encimados pelas frutas, ou ainda os tabuleiros equilibrados nas cabeças das

negras, imagens artisticamente representadas por artistas contemporâneos que souberam perceber sociologicamente que esses tipos humanos e cenas caracterizavam a paisagem urbana e social do período.

Outro cronista da mesma época, ao se instalar no Recife da segunda década do século XIX, percebeu como da rua para a casa há uma comunicação possível:

Eis-nos, portanto, tranqüilamente instalados em nossa nova residência, tão tranqüilamente como possa estar alguém quando uma vintena de negras grita sob as janelas, em todos os tons de que a voz humana é capaz, laranja, banana, doces e outras mercadorias para vender.<sup>xiii</sup>

O inglês Koster, apesar de todo o espírito antropológico que apresenta em quase todas as ocasiões relatadas, não deixou de transparecer certa irritação ante as vozes, certamente persistentes, que ecoavam dentro de sua casa. Outro ponto visível é o grande número de negras vendeiras no espaço urbano. Por sua função móvel, elas terminavam por se transformar em um elo de comunicação entre o espaço da rua e o da casa. Gilberto Freyre vê um sobrado urbano ainda carregado do patriarcalismo das casas grandes, em sua expressão um sobrado que é "*inimigo da rua*". Mas a rotina desse sobrado onde as senhoras e sinhás se viam reclusas é quebrada pela presença alegre tanto do mascate como das pretas boceteiras e quitandeiras, estas últimas adentravam os sobrados para vender doces e bicos às iaiás, levando com elas os mexericos e fofocas do meio urbano.<sup>xiv</sup>

Para ilustrar esse nexos entre a casa e a rua, vejamos uma gravura de Rugendas intitulada "*Venda em Recife*". A venda — associada a tudo o que havia de mais ignóbil e perigoso, lugar de vícios e de desordem, segundo o imaginário dominante — se situa no térreo, enquanto o andar superior servia como residência. Logo de início o que aparece com mais evidência é o grande número de mulheres negras na venda, comprando, vendendo, ou mais provavelmente ambas as coisas, uma vez que criadas podiam ser incumbidas de fazer a compra de gêneros para consumo diário da casa. Muitas saem da venda calçadas, sugerindo serem livres ou libertas. Há uma mulher parecendo ser branca, descalça, deitada como bêbada à porta da venda. Mas destaquemos uma negra boceteira que, ao lado direito externo da venda, ergue um colar e o apresenta a uma das residentes situada na varanda. Após essa cena inicial de convencimento, a negra poderá ou não ser convidada a entrar no andar superior e efetuar mais uma venda. Apesar do certo despojamento da mulher branca situada na varanda, sugerindo que ela não era tão reclusa como se costuma pensar, é pouco provável que ela viesse ao encontro da negra. Ao seu modo, diz Gilberto Freyre, essas negras foram também mascates.<sup>xv</sup>

Locais como vendas e tabernas pertencem ao número de espaços onde a convivência dos pobres urbanos se torna possível, geralmente pessoas de cor que faziam compras, embriagavam-se, encontravam amigos e amásios. A venda de Rugendas sugere mesmo o contato entre uma mulher e

um negro canoeiro, o que se pode deduzir pelo varapau portado pelo negro. Muitas criadas que compravam na rua poderiam se demorar por certo tempo na venda, marcar encontros furtivos, e então retornar aos lares de suas patroas ou senhoras. É claro que fugir do mundo da casa para o da rua implicava certos riscos.<sup>xvi</sup>

Interessa perceber, enfim, que há lógicas e resistências cotidianas próprias para as mulheres que definiam sua identidade como '*mulheres de rua*', com toda a carga pejorativa que a rua carregava, como a suspeita de prostituição, a detenção sem motivo plausível, furtos, violência — circunstâncias não raras no meio urbano do Recife oitocentista. Eram mulheres corajosas, cujo comportamento insubmisso constituía uma arma para enfrentar os inúmeros desafios que atingiam ao seu grupo social, ao seu sexo, ao seu modo de vida. Havia todo um universo cultural que seria próprio das negras e mestiças, e do qual uma mulher branca teria de manter distância, construindo uma identidade distinta do complexo identitário expresso na associação *vendeira-negra-rua*.

---

NOTAS:

<sup>i</sup> A leitura que fazemos aqui da cidade e seus subúrbios se inspira também no que Selma Pantoja designou de "leitura espaço-social", ("Três Leituras e Duas Cidades: Luanda e Rio de Janeiro nos Setecentos" In PANTOJA, Selma. SARAIVA, José Flávio Sombra. (orgs.) **Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Fundamental foi a abordagem de GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910**. Trad. Viviane Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>ii</sup> Diário de Pernambuco, 05/10/1857. In MELLO, José Antonio Gonsalves de. (org.), **O Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste (1840-1889)**. Recife: Diário de Pernambuco, 1975, vol. II. P. 836.

<sup>iii</sup> Cf. FERREZ, Gilberto. **O Álbum de Luís Schlappriz: Memória de Pernambuco. Álbum para os amigos das Artes - 1863**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife: 1981. Litografias 3 e 9. Luís Schlappriz esteve no Recife entre 1859 e 1865.

<sup>iv</sup> Diário de Pernambuco, 12/10/1857. In MELLO, José Antonio Gonsalves. (org.) Op. Cit., p. 842.

<sup>v</sup> Cf. FERREZ, Gilberto. Op. cit., Litografia número 13 do Álbum.

<sup>vi</sup> Diário de Pernambuco, 26/10/1857. In MELLO, José Antonio Gonsalves de. (org.) Op. cit., p. 850.

<sup>vii</sup> SETTE, Mário. **Aruar: história pitoresca do Recife** antigo. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978, 3ª ed., p. 47. Cf. SILVA, Maciel Henrique. 'As múltiplas identidades femininas e o uso do espaço urbano do Recife no século XIX'. In **História & Perspectivas**. (25 e 26). 167-192, Universidade Federal de Uberlândia, Jul./Dez. 2001/Jan./Jul. 2002.

<sup>viii</sup> SETTE, Mário. Op. Cit., p. 47

<sup>ix</sup> Maria Odila da Silva Dias notou que em São Paulo do oitocentos, as mulheres pobres "Estavam presentes por toda parte, dentro e fora das pontes da cidade", e que "concentravam-se, no seu vaivém, em locais mais movimentados (...)" . Cf. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX - Ana Gertrudes de Jesus -**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 15.

<sup>x</sup> FURTADO, Júnia Ferreira. VENÂNCIO, Renato Pinto. "Comerciantes, tratantes e mascates". Pp. 93-113. In DEL PRIORE, Mary. (org.) **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história**. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 106.

<sup>xi</sup> Bando sobre a proibição das pessoas que vendem fazendas pelas ruas etc. Registro de Provisões 03/1 (1769-1797).

<sup>xii</sup> TOLLENARE, L. F. de. **Notas Dominicais**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978, pp. 20-21. Flávio Guerra afirma que o mercado descrito é o que depois seria o mercado de São José, junto à Igreja da Penha, mas nessa parte do texto Tollenare trata do bairro do Recife, e só um pouco mais adiante descreverá o bairro de Santo Antonio. GUERRA, Flávio. **Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos**. 3.ª ed. (Revista e Aumentada), Pref. De Gilberto Osório de Andrade. Recife: Editora Itinerário, 1978, p. 58.

<sup>xiii</sup> KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978, p. 29.

<sup>xiv</sup> FREYRE, Gilberto. Op. cit., pp. 36-7.

<sup>xv</sup> RUGENDAS, João Maurício. **Viagem Pitoresca Através do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1972. PRANCHA 77.

<sup>xvi</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. Op. cit., p. 67. Para perceber os desafios vivenciados por vendeiras em outras cidades na mesma época, como Belém e Salvador, Cf. PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. Trabalho de negras e mestiças nas ruas de Belém do Pará (1890-1910). Pp. 119-141. In BRUCHINI Cristina; PINTO, Céli Regina. (orgs.). **Tempos e lugares de gênero**. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2001; e SOARES, Cecília Moreira. 'A negra na rua, outros conflitos'. Pp.

35-47. In SARDENBERG, Cecília M. B. et. al. (orgs.). Fazendo Gênero na Historiografia Baiana. Salvador: NEIM/UFBA, 2001.